DOI: 10.20396/revpibic2720192095

XXVII Congresso de Iniciação Científica Unicamp
16 a 18 de outubro de 2019 - Campinas | Brasil

O avanço do setor sucroenergético na região nordeste do estado de São Paulo e a migração do trabalhador rural.

Gustavo Augusto Moreira*, Vicente Eudes Lemos Alves.

Resumo
A evolução do setor sucroenergético até a atual sociedade da Usina (SILVA, 1999), em um processo de acumulação capitalista, de forma que os pequenos e médios produtores que viviam do e no campo atualmente migram para as cidades, para as *vilas* controladas pelos usineiros. O que possibilita a sua descaracterização como produtor rural, para se tornar trabalhador rural assalariado, com má remuneração e longas jornadas de trabalho. Busca-se, neste trabalho, analisar o avanço do setor sucroenergético no estado de São Paulo e como ele vem impactando a vida desses trabalhadores rurais, forçando-os à migração.
Palavras-chave:
Setor sucroenergético, trabalhador rural, migração.

Introdução

A partir das atuais questões acerca do Nó da Terra (MARICATO, 2008) propôs-se realizar este estudo do setor sucroenergético e suas dinâmicas sócio-territoriais recentes, tais como: a migração de trabalhadores rurais rumo a pequenos núcleos urbanos onde ficam disponíveis para a produção, ou para as cidades maiores, onde passam a se dedicar a outras atividades econômicas. Para o desenvolvimento deste, elegeu-se municípios das regiões de Campinas e Araraquara (IBGE, 2017), região NE paulista, principalmente Pirassununga, Porto Ferreira, Araraquara e Piracicaba como recorte geográfico. Assim, busca-se expressar a atual condição do setor rural e seus trabalhadores no atual regime de acumulação capitalista.

Resultados e Discussão

A partir da totalidade da questão fundiária e de seu caráter privado (pela Lei de Terras de 1850) observa-se grandes consequências, como a concentração fundiária, na qual 1% dos imóveis rurais do país concentram 45% das terras ocupadas (FERREIRA, 2016).

Além da lei acima, outras iniciativas legislativas como o Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), de 1963 (regulação das leis trabalhistas no campo) e o Estatuto de Terras (ET), de 1964 (visava o aumento de produtividade do campo) ajudaram a promover grandes fluxos migratórios do campo. Como Silva (1999) apontou, a dinâmica rural tradicional baseada no valor de uso da terra é desfeita por orientação do capital, atribuindo-lhe valor de troca. Assim, compreende porque 2,5 milhões de brasileiros saem do campo entre 1960-80 (SILVA, 1999).

Esses fatores somados ao estímulo à produção sucroenergética pelo Instituto do Açúcar e do Álcool e Proálcool, acabaram por provocar alterações nas dinâmicas agrárias no estado de São Paulo.

É nesse contexto que surge o trabalhador rural volante, ou *bóia-fria*. Caracterizados como trabalhadores que migraram para o emprego nas lavouras, principalmente no corte da cana-de-açúcar. Para isso, esses trabalhadores se submeteram à reduzida remuneração salarial e a exaustivas jornadas de trabalho.

O movimento de modernização tecnológica no espaço agrário de São Paulo produziu uma desestruturação cultural, uma vez que a população é forçada a migrar para a cidade, seguido por uma restauração social diante de uma nova ordem produtiva (POLANIY, 2000). Por mais que hoje em dia o papel do *bóia-fria* se apresente com outra dimensão no mercado de trabalho canavieiro, ele ainda exerce as mesmas funções.

Os trabalhadores do campo passam a ser dominados no período da sociedade da Usina (SILVA, 1999). Do mesmo modo que esse trabalhador foi usurpado de seu espaço, passa a ocupar as periferias das cidades, onde as oligarquias locais detém o poder.

Para este estudo, tenta compreender de que maneira as relações de poder se instituem no campo. Para isso, realizou-se revisão bibliográfica no âmbito da geografia agrária, bem como de questões agrárias em geral. Além disso, houve visitas na área de estudo e entrevistas com pesquisadores, moradores e trabalhadores rurais.

Conclusões

O estudo demonstrou que o campo paulista hoje, controlado pela produção canavieira, é um espaço de exploração e dominação, em que a desestruturação cultural permitiu uma intensa e desenfreada acumulação capitalista. Ademais, esse processo desencadeou importante desestruturação produtiva, especialmente com a redução da presença dos médios e pequenos produtores agropecuários, resultando na expulsão destes rumo ao urbano, onde vivem em condições precárias.

Agradecimentos

Agradeço meu orientador, Prof. D. Vicente Eudes Lemos Alves, minha avó Jadyra Rozim, bem como minha família. Assim como o cNPq por conceder a bolsa, sendo assim possível realizar a pesquisa.

FERREIRA, Gustavo H. Cepolini et al. (Org.). **Geografia Agrária do Brasil**. [S.l.]: Paco Editorial, 2016. 392 p. v. 13.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Regiões Geográficas do Estado de São Paulo. 2017. Mapa. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm?c=1. Acesso em: 14 nov. 2018.

MARICATO, Ermínia. **O Nó da Terra**. Revista Brasileira de Direito Ambiental, v.15, p.191-196, 2008.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação**: As Origens da Nossa Época. Tradução de Fanny Wrabel. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Compus, 2000. 5 p.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

(cc) BY-NC-ND